

**NEM SANTAS NEM PECADORAS, SINGULARMENTE, MULHER: A
PROSTITUIÇÃO EM FOCO NOS ESTUDOS CULTURAIS**

*NEITHER NOR SINNERS, SAINTS, SINGULARLY: WOMAN IN PROSTITUTION
FOCUS ON CULTURAL STUDIES*

Ivanaldo Bezerra de Medeiros*

Raquel Miranda Barbosa*

RESUMO: Pensar a prostituição como parte integrante dos estudos de gênero é procurar dar ênfase ao cotidiano social marginalizado das mulheres, tidas como excluídas da história, conforme afirma Perrot (1988). Compreender as relações de poder que contribuíram para fomentar a prática sexual como meio de vida, geralmente, de mulheres pobres e desprovidas de oportunidades para educação formal são alguns dos elementos predominantes na trajetória das mulheres depoentes deste estudo. No microcosmo da cidade de Itaberaí-Go, localizamos as análises e os sujeitos que percorrem as singularidades e as generalidades pertencentes a este mundo social envolto em brumas e repleto de sensibilidades imortalizadas na memória destas protagonistas.

PALAVRAS CHAVE: Prostituição, Memória, Exclusão, Mulher.

ABSTRACT: Think prostitution as part of gender studies is to seek to give emphasis to the social life of women, taken as an outsider excluded from history, as says Perrot (1988). Understand the relationships of power that helped to promote the sexual practice as a means of living, usually, of poor women and non-formal education opportunities are some of the predominant elements in the path of women Interviewed of this study. In the microcosm of the city of Itaberaí-Go, we find the analyses and the subjects who roam the singularities and generalities belonging to this social world wrapped in mist and full of sensitivities glorified in memory of these protagonists

KEYWORDS: Prostitution, Memory, Deletion, Woman.

Mulher da Vida, minha Irmã.

De todos os tempos.

De todos os povos.

De todas as latitudes.

*Ela vem do fundo imemorial das
idades e carrega a carga pesada dos
mais torpes sinônimos, apelidos e
apodos:*

Mulher da zona,

Mulher da rua,

* Graduado em História pela Universidade Estadual de Goiás – UnU Cidade de Goiás, professor do Colégio Aliança – Itaberaí –GO, Secretaria Estadual de Educação do Estado de Goiás.

* Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Professora Assistente da Universidade Estadual de Goiás UnU da Cidade de Goiás e UnU Jussara. Contato: rm-barbosa1976@bol.com.br. Recebido em: 20/02/2011. Aceito em: 26/04/2011.

*Mulher perdida,
Mulher à-toa.*

Cora Coralina, 1975.

INTRODUÇÃO

A partir das contribuições da Nova História Cultural, as mulheres foram alçadas na História, enfatizadas pelo surgimento do movimento feminista, nos anos de 1960, com um maior destaque nos Estados Unidos, onde preconizaram este em relação a outras partes do mundo.

O intuito das mulheres com estes movimentos era de reivindicar os seus direitos, igualdade entre os sexos junto à sociedade, essencialmente, masculina. Na busca pelo direito na participação da vida pública, como também a igualdade social. Segundo Hobsbawm (1995), “a cultura jovem tornou-se a matriz da revolução cultural no sentido mais amplo de uma revolução nos modos e costumes, nos meios de gozar o lazer e nas artes comerciais” (p. 323), portanto os reflexos destas tendências se perpetuam englobando outros sentidos a esta matriz.

Os movimentos feministas deram grande contribuição para o surgimento da História das Mulheres e, a princípio estariam voltados para as questões políticas no qual abordasse e destacasse as ações relevantes para a sociedade que se engendrava cada vez mais na perspectiva capitalista, não somente um sistema econômico, mas norteador de ideologias no auge da bipolaridade mundial. Este era um dos principais objetivos dos movimentos feministas dos anos de 1960, segundo Joan Scott:

[...] a conexão entre a história das mulheres e a política é ao mesmo tempo óbvia e completa. [...] a política feminista é o ponto de partida. Esses relatos situam a origem do campo na década de 60, quando as ativistas feministas reivindicavam uma história que estabelecesse heroínas, prova da atuação das mulheres, e também explicações sobre a opressão e inspiração para a ação. (1992, p. 64).

No final dos anos de 1970 surgiram, a partir das concepções historiográficas influenciadas pela História Cultural, novas concepções em torno da história das mulheres, que os movimentos feministas dos anos 60 não conseguiram romper. A partir desse período, as mulheres passam a ser pensadas pelas suas individualidades e

concepções culturais coletivas. Essa ruptura trouxe para as mulheres outras oportunidades na construção de suas identidades não mais únicas e universais, mas individuais e múltiplas.

[...] a fragmentação de uma ideia universal de “mulheres” por classe, raça, etnia e sexualidade associava-se a diferenças políticas sérias no seio do movimento feminista. Assim, de uma postura inicial em que acreditava na possível identidade única entre as mulheres, passou-se a uma outra em que se afirmou a certeza na existência de múltiplas identidades. (SOIHET, 1997 p. 277).

Neste panorama, a mulher torna-se objeto de estudo e ao mesmo tempo construtor da sua própria história, sinal de sua autonomia e independência social e sexual. A independência sexual feminina foi duramente confundida com prostituição pela sociedade. A mulher que antes estava condicionada a viver no lar e para a família, o privado, sai para o espaço das ruas e passa a conviver em sociedade, exercendo atividades, funções e comportamentos que até então era apenas conferidos à camada masculina da sociedade.

A independência feminina com relação ao seu corpo e a sua sexualidade trouxe um desconforto social. Para Hobsbawm (1995): “[...] o grande significado dessas mudanças foi que implícita ou explicitamente, rejeitavam a ordenação histórica e há muito estabelecida das relações humanas em sociedade que as convenções e proibições sociais expressavam, sancionavam e simbolizavam” (p. 327), e que estigmatizou a mulher como prostituta. Essa visão da mulher prostituta está intrinsecamente ligada à sua condição social ou aos parâmetros sociais em que esta esteja imersa. Dependendo do seu comportamento, do lugar que ela frequenta, das pessoas com quem anda, da forma que se veste as representações se uniformizam no ato de rotulações que, geralmente, são negativas. Esta construção imaginária da prostituição estaria fortemente impregnada na sociedade por vias de um discurso de poder, conforme afirma Foucault(2006),que elege quem são e porque são prostitutas.

[...] a mulher fica assim marcada para o resto da vida e, se aparece no tribunal, o termo é lido como primeiro item de “evidência” contra ela antes do julgamento ter início, quer ou não a mulher esteja ainda trabalhando no comércio do sexo e mesmo que não tenha condenações anteriores por prostituição. [...] nem os estupradores e os assassinos

condenados têm seus registros anteriores lidos no tribunal antes de serem julgados. (ROBERTS 1998, p. 338).

Esta reviravolta social em voga a partir dos anos 1970 não retrata a realidade de todos os lugares de forma globalizante. Por um lado, nas grandes cidades, acontecia uma Revolução Cultural que ocasionou mudanças no comportamento da sociedade e, de maneira especial nos jovens, sobretudo, para o público feminino. Assim, a liberdade de expressão, a liberdade sexual, sobretudo a feminina, os movimentos hippies, a inserção do jeans e do rock, e tantos outros traços culturais frutos do reflexo das transformações que estavam acontecendo num contexto mundial/globalizado alcança as mulheres e as incluem nos movimentos culturais que explodem nesta época.

No Brasil, na década de 1970, a sociedade vivia sob influência de um regime patriarcal machista, não considerava os direitos garantidos às mulheres pelos movimentos que ora aconteciam. Os tempos de ditadura militar justificam muito a timidez destes movimentos que atingiram a chamada “elite” cultural brasileira desta época. No mundo e nas grandes cidades brasileiras, as mulheres buscavam sua liberdade com relação ao corpo, o uso do anticoncepcional e sua liberdade sexual, o divórcio entre outros.

Em Itaberaí, a ordem era bastante dissonante, pois as mulheres eram consideradas e tratadas de forma preconceituosa delimitando a fronteira da mulher para o matrimônio e a mulher para os prazeres, uma sociedade dividida entre valores hipócritas do bem/mal, certo/errado, sagrado/profano, como podemos perceber na fala da Sr^a. Izabel Ribeiro Prudêncio sobre as representações femininas daqueles tempos.

Elas não podiam ser visadas na mesma sociedade, no mesmo convívio das senhoras de família, e das moças de família, então era por isso, era o sigilo, pra não se misturá, entendeu? Devido ao preconceito. Nessa época, aqui em Itaberaí, moça de família não era enfermeira, as pessoas que eram enfermeiras, assim, tinha aquela discriminação, não podia sair com outras moças, cê entendeu? Então era todo um preconceito. Mulher moça nessa época de família num andava de bicicleta. Prostitutas podiam, mulheres não. O preconceito era tão grande que as moças de família não andavam de bicicleta, e elas se quisessem andavam, então tinha esse preconceito.¹

¹ Entrevista realizada com a Sr^a. Izabel Ribeiro Prudêncio em 15/07/2008.

A história das mulheres passa por um processo de construção e desconstrução das representações imaginárias das sociedades onde estão inseridas contribuindo para que sejam, profundamente, marcadas por este fenômeno de permanências e rupturas. As transformações ocorridas nas suas histórias se dão desde o espaço do lar, lugar onde sempre estiveram associadas. E, no espaço público, se mesclam ao cotidiano social nas representações como Marias ou como Evas, porém ambas marginais.

Representações da Mulher: um micro-cosmo das relações de poder

Existe uma tendência do senso comum em atribuir às mulheres duas categorias, representadas simbolicamente pelas santas ou pelas pecadoras. Estas duas concepções estão intimamente ligadas ao lugar onde elas transitam, ou seja, no espaço público ou no privado. Sendo assim, a sociedade, por sua vez, carregada de tabus e concepções morais fundamentados em princípios religiosos e, sobretudo machista, insiste em classificá-las por categorias, determinando o seu caráter com relação a sua postura no convívio social e ao seu corpo sensual e sexual, fatores determinantes para reforçar a separação entre mulheres de bem e mulheres para a diversão.

Historicamente, as mulheres sempre foram preparadas para serem as “santas”, por meio da educação que recebiam das suas famílias que as preparavam para o “doce” ofício de ser esposa, sempre submissa ao seu marido, e, que ao se casar, passava a exercer a autoridade que o pai até então, tinha sobre a mulher.

A mulher que a sociedade dos homens queria para levar ao altar, diante da Igreja e da sociedade, deveria ser pura e imaculada, haja vista que uma mulher de bem não podia pensar ou ter desejos sexuais, era a imagem da Virgem Maria, que mesmo dando a luz a um filho continuava pura. Assim, deveria ser o modelo ideal de mulher, como corrobora Margareth Rago (1985) ao retratar o estereotipo da mulher ideal: “[...] identificada à religiosa ou mesmo considera como santa, à imagem de Maria, a mãe será totalmente dessexualizada e purificada” (p. 82). Dentro desta mesma perspectiva, contribui com essa ideia Cláudia Fonseca (1997) quando monta o perfil com alguns

critérios que retratam a mulher perfeita para o casamento, destinada ao convívio familiar, num espaço estritamente privado:

A receita par a mulher ideal envolvia uma mistura de imagens: a mãe piedosa da Igreja, a mãe-educadora do Estado positivista, a esposa-companheira do aparato médico-higienista. Mas todas elas convergiam para a pureza sexual – virgindade de moça, castidade da mulher. Para a mulher ser “honesta”, devia se casar; não havia alternativa. E para casar, era teoricamente preciso ser virgem. (1997, p. 528).

Essas representações estão incrustadas no imaginário social – que na concepção de Tânia Navarro Swain (1994), é capaz a partir dos poderes que exercem sobre a sociedade, criar valores simbólicos que podem transformar a expressão simbólica de uma determinada sociedade, determinando e ressignificando valores, contribuindo ou não para a sua permanência.

José de Alencar, em “Lucíola”, retrata a condição da mulher na metade do século XIX. Este romance aborda o cotidiano de uma mulher que vive de forma que contraria os padrões sociais no que se refere a imagem de mulher ideal, correta, pura, que não segue os preceitos sociais estabelecidos. Lucíola, sendo uma cortesã, foge deste padrão, sendo assim, a sociedade coloca em seus ombros o peso de um rótulo, tratando-a com preconceito e discriminação, que fica claro quando o autor escreve:

Só então notei que aquela moça estava só, e que a ausência de um pai, de um marido, ou de um irmão, devei-me ter feito suspeitar a verdade. [...] esta noite a senhora não se pertence: é um objeto, um bem do homem que a vestiu, que a enfeitou e cobriu de jóias, para mostrar ao público a sua riqueza e generosidade. (ALENCAR, p.10 e 54).

Não somente as mulheres ditas de vida fácil foram ou ainda são discriminadas e rotuladas de “prostitutas” por serem mulheres além do seu tempo. Esta classificação atinge muitas mulheres que, mais visivelmente hoje, não dependem ou vivem fora do domínio ou companhia masculina. As mulheres que saíram dos seus lares, lugar restrito para a família e foram para as ruas na busca por seus espaços, para construir as suas próprias identidades, em busca da sua liberdade e autonomia pessoal e profissional, também sofreram preconceito e discriminação. Estas mulheres das vias públicas são as Evas, Lucíolas e tantas outras que as sociedades rotulam como

impuras, satânicas, levianas, que são o inverso das Marias. Segundo Rago (1985): “[...] a mulher sensual, pecadora, e principalmente a prostituta, será associada à figura do mal, do pecado e de Eva, razão da perdição do homem”(p. 85). Esta representação do feminino encontra-se presente na sociedade itaberina, como se pode perceber no depoimento da Sr^a. Maria Terezinha do Carmo:

[...] fica parecendo que ficô marcada. Se eu saí com você, tendeu, se a gente chegá num lugá público e se a gente senta, e tomá qualque coisa ali, na hora não, ninguém vai falá nada, depois alguém vai falá “Nossa! Você é um cara bem... coisa, andando cum fulana, fulana foi isso e aquilo”. Isso já aconteceu cum amigo meu daqui de Itaberá mesmo. Aí a gente sentô lá tomô uma cerveja e eu saí e fui embora e ele foi embora pra casa dele. No outro dia, uma mulhé falô pra ele sim, Como cê tem corage de andá cum uma antiga prostituta? ele falô sim “Cê disse bem, ‘antiga prostituta’, que hoje ela não é mais²

Na fala da Sr^a. Maria Terezinha pode-se perceber que a sociedade itaberina cria rótulos que são incrustados nas pessoas e que elas jamais são libertadas deles. Ao narrar este fato, percebe-se a insatisfação e a tristeza desta senhora em saber que o seu passado de prostituta jamais será apagado da lembrança social, que ela não é vista como a cidadã Maria Terezinha, e sim, como a ex-prostituta, aquela que a sociedade marca e aponta como errada, que não inspira confiança.

Assim, as mulheres se tornam reféns dos seus próprios corpos quando vítimas do preconceito social. Elas são obrigadas a viverem engessadas dentro de um modelo de sociedade em que as representações são frutos do imaginário social do passado.

Na tentativa de delimitar espaços e papéis sociais, a rua e a casa, a esposa e a mulher da vida, como também tratar das relações de poder e dominação masculina nestas relações, abordaremos de forma mais precisa as memórias das mulheres que viveram a prostituição nesta sociedade imersa em valores patriarcais explícitos, oriundos das tradições coronelistas, bem como as diferentes razões que levaram algumas das entrevistadas a se tornarem objeto de estudo desta pesquisa.

² Entrevista com a Sr^a. Maria Terezinha do Carmo realizada em 09/12/2008.

Silêncio, sensibilidades e abandono na voz de mulheres vividas

As mulheres de Itaberaí-Go, assim como de outras localidades, estiveram subjugadas ao peso do preconceito e da discriminação, fato que ainda pode ser percebido, especificamente nesta cidade, nos dias atuais. Aquelas que se casaram e constituíram família dentro dos padrões sociais “aceitáveis” são vítimas de silêncios ou dominação econômica que as confundem quando reportamos ao seu eu as sua identidade ou individualidade. Estas mulheres, não se reconhecem dissociadas de seus companheiros, especialmente aquelas que foram as jovens dos anos de 1960 ou 1970.

Neste universo de contradições e ausências não discutiremos as mulheres casadas, mas sim a “mulheres da vida” que um dia utilizaram seus corpos para ganhar dinheiro, utopias e prazer. O entrecruzamento destas histórias com os sujeitos delas, tidos como marginais, ganham contornos a partir da fonte oral. Nesta metodologia, encontramos aporte para incluir nos Estudos Culturais temas e problemas subjetivos no qual as sensibilidades são captadas muito além do que se é dito em depoimento.

[...] o historiador, conforme as novas instâncias produzidas pela sociedade e as novas sensibilidades em contínua transformação, achou-se num contexto que o estimulava na procura de *corpora* documentais não produzidos pelas instituições ou pelos protagonistas mais reconhecidos, para se aventurar nos fundos documentais escondidos ou esquecidos; transformou em fontes históricas conjuntos multiformes e complexos de rastro do passado, construindo, em função das questões enfrentadas, seu próprio *corpus* documental, até chegar ao limite – e aqui entra a fonte oral – de construir ele mesmo sua própria fonte. (VANGELISTA, 2006 apud PESAVENTO, 1978, p. 186).

As entrevistas foram realizadas no período entre 2008 e 2009, com mulheres profissionais do sexo e mulheres vividas da “boa” sociedade. Dentre elas, apenas nove aceitaram registrar as suas histórias. Escolhemos duas entrevistas de (ex) prostitutas que serão aqui analisadas e por elas percorreremos a História da Prostituição e Exclusão em Itaberaí-GO, mas que nos ajudará a pensar este tema como uma representação do cotidiano e da realidade social de outras cidades do interior do Estado de Goiás imersa quase nos mesmos valores morais e ideológicos.

Desta forma, afirmamos que “prostituição em Itaberaí”, como em outras cidades, ainda é fruto de muito preconceito. Para tanto, conseguir chegar até essas mulheres não foi um percurso fácil de ser feito. Ao tratar de prostituição é notória a preocupação de algumas pessoas em afirmar que na cidade essas práticas não existem, pois as antigas casas de prostituição foram fechadas pela justiça nos anos de 1970, discurso este que se contradiz quando visitamos os hábitos noturnos da cidade.

Com relação às mulheres que concederam as entrevistas, foram as que se prostituíam no período entre 1970 a 1990, e que hoje, segundo elas, não se prostituem mais. As justificativas são múltiplas, porém a mais usual se dá em razão de terem arrumado companheiros ou ter conseguido emprego que garanta o seu sustento.

MEMÓRIAS DE NILMA: abandono, pobreza e prostituição

A primeira entrevistada foi Nilma. O período de aproximação e entrosamento com a entrevistada durou alguns dias, em detrimento da dificuldade de poder conversar com ela sobre um tema tão delicado e sensível. No momento da entrevista, ela estava mantendo uma relação conjugal com um homem mais novo. Não podemos afirmar que ainda mantém este relacionamento, por falta de informação, e que mesmo sendo conhecedor de seu passado, conforme ela mesma disse em entrevista, não gostaria de falar tão livremente sobre sua vida para as pessoas – terceiros e um homem.

Sendo assim, conseguimos manter um primeiro contato com ela na casa de um amigo comum, onde pudemos conversar, nos apresentar, e apresentar a proposta deste trabalho. Foi uma conversa muito tranqüila. Conversamos durante longo tempo e marcou-se uma nova conversa, sempre na casa desse “amigo” que cedia o espaço de sua residência para que pudéssemos conversar tranquilamente e registrar seus depoimentos.

Nilma é uma pessoa de costumes simples. Atualmente proprietária de um “barzinho”, local que tivemos a oportunidade de conhecer. Um bar estabelecido na garagem da casa onde mora de aluguel, um ambiente pesado, sem ventilação e de aparência sempre sombria pela ausência da luz solar.

Durante as nossas conversas informais, ela demonstrou ser uma pessoa descontraída ao narrar suas histórias e acontecimentos. Sempre muito objetiva, sem muitos rodeios ao falar.

Era final de tarde, por volta das 18 horas. Quando chegamos aguardamos por alguns minutos até que ela chegasse e, assim, demos início ao que tinha sido combinado para aquele dia, ou seja, a gravação da primeira parte das entrevistas.

No momento em que o gravador foi ligado e foi feita a primeira pergunta, aquela pessoa descontraída “desapareceu”. Estava diante do gravador uma pessoa tensa, que media as palavras para serem ditas, deixando transparecer certo medo ao falar, procurava as palavras certas, e por muitas vezes houve um silêncio, uma busca no horizonte por meio do olhar, tentando encontrar a palavra certa, ou mesmo organizar as idéias para estruturar a sua fala.

Percebe-se que o fato de registrar a sua fala, dando veracidade, legitimidade às suas lembranças, produziu nela uma ressignificação do passado. Destas memórias que há tanto tempo estavam silenciadas. Lembrar para ela foi reviver, trazer à tona momentos e situações que preferira esquecer. Conforme Montenegro (2006) “[...] nenhum passado passa, todo passado é presente. A questão é saber como ele se insere nas práticas cotidianas e, por extensão, como influi na maneira de pensar, sentir e agir no presente (p.97)”.

Nesta perspectiva, vale ressaltar um detalhe que percebemos durante as duas entrevistas gravadas, o nervosismo transpareceu na quantidade de cigarros que fumou durante as nossas conversas. Outro fato que atribuímos relevância é a forma como ela sempre estava produzida todas as vezes em que nos encontramos. O cabelo chanel, com luzes, sempre escovado, as unhas grandes sempre feitas e pintadas de vermelho, um vestido de malha preta, curto e justo, com gola baixa, mostrando os ombros, tipo “tomara que caia” e sandálias havaianas. Essas características chamaram-nos a atenção, pois reproduzem de certa forma as práticas simbólicas/representativas, daquilo que a sociedade itaberina caracteriza como uma vestimenta associada a usos e costumes de mulheres que se propõem à “vida livre”. A Sr^a. Nilma há alguns anos não se prostitui, porém, faz parte do seu cotidiano esses usos e costumes, que atribuímos, neste caso, às influências culturais adquiridas no seu modo de vida durante a juventude e que estão incrustados ao seu imaginário.

A sua história é permeada de sentimentos, emoções e abandono que foram, aos poucos, durante as entrevistas revelados.

Eu comecei a fazer programa porque eu separei do meu marido, né? Era muito nova na época, aí eu separei dele, eu tava grávida de, de 2 meses, de uma e tinha ôtra de três anos. Eu voltei pra dentro da casa da minha mãe, aí eu fui trabalhá de doméstica, durante a gravidez eu trabalhei, né? Aí, só que o salário era muito pôco, tudo, eu guentava muita humilhação da minha mãe por ter voltado para dentro da casa dela com criança e ainda grávida de outro, né? Aí, mais durante a gravidez eu guentei, né?, fui trabalhando, trabalhei até, parece que 15 dias antes deu ganhá nenê, aí depois que eu ganhei eu, depois de um meis que tive a minina voltei a trabalhá de domestica, mas aí a mesma coisa, o salário pôco, num dava, guentando muita humilhação, queu tinha que ajudá in casa mais, que meu pai num era obrigado....., aí uma amiga minha que freqüentava, aí ela me, me falô pra í, aí fiquei, pensei, pensei, decidi a í, aí eu fui com ela. Aí eu freqüentei essa casa durante muito tempo. Mais eu fui mais pra ajudá mesmo na dispesa, pra ajudá e tudo, pra criá a minhas filhas. Meu pai, meu pai, e na realidade, ele, ele, se sabia, ele fazia de conta que num sabia. Aí depois minha mãe, minha mãe já, ela já, sempre teve uma implicança comigo. Aí passô a tê mais ainda que aí, qualqué coisa ela jogava na minha cara que, se eu num, num, num mudasse de vida, que aquilo num ia se bom pra mim, pras minhas filhas. Mas graças a Deus, tenho duas filhas, e, elas num tem nada a vê com essa vida. São toda duas casadas, graças a Deus bem casadas, intão, quanto a isso aí, num influencia in nada. Mais tinha essa coisa di influência, fala assim, que ia influenciá na criação das minhas filhas, mas graças a Deus não, e nunca iscundi meu passado das minhas filhas não, elas sabiam.³

Neste fragmento do relato da história da Sr^a. Nilma percebe-se a decepção e o sentimento de repúdio pelos pais quando de regresso a casa deles, sobretudo pela mãe que a todo tempo faz cobranças por questões financeiras, fator que interfere de forma direta nas vidas das pessoas. Outro fator importante que merece ser ressaltado é o orgulho que a depoente tem de ter criado as filhas com dinheiro advindo da prostituição e elas não terem seguido o mesmo caminho da mãe, afirma. Percebe-se isso na entonação de voz, no olhar e no sorriso entre os lábios ao falar que as filhas seguiram caminhos diferentes do dela, de falta de opção, de oportunidade e apoio familiar.

Um dos fatores determinantes para as escolhas de Nilma está relacionado à sua condição social. A necessidade de garantir o seu sustento e o de suas filhas. A condição de pobreza, dentre outros fatores emocionais, levou-a a usar o seu corpo como forma de ganhar o seu sustento e garantir o que para ela, poderia advir outras possibilidades, atribuídas por dignidade para suas filhas.

³ Entrevista realizada com a Sr^a. Nilma V. Q., em 12/06/2009.

Segundo a entrevistada, no início não foi fácil. Ela teve dificuldade em assimilar a sua nova realidade. Entretanto, uma maneira de ganhar o dinheiro de forma “fácil” e rápido como afirma a sociedade, pode ser considerada muito difícil quando na maioria das vezes essas mulheres sofrem por ter que fazer sexo com homens que não desejariam por pura necessidade financeira. Esta afirmação é claramente perceptível na fala de Nilma:

No início foi, foi muito difícil, inclusive o primeiro dia que eu fui nessa casa, eu entrei pro quarto, fui fazê um programa, era um moço muito educado, bem mais velho que eu, inclusive hoje in dia nós é amigo, aí ele muito carinhoso, muito tudo, mais no dia eu não consegui, sabe? Aí me deu uma crise de choro, aquela coisa, aí eu vi que não dava conta mesmo, aí eu peguei, saí do quarto chorano, ele foi muito educado comigo, entendeu...., aí eu té vim imhora, chamei minha amiga pra vim imhora, aí a gente veiimhora. Aí depois no otro dia os mesmo problema, as mesma humilhação, iscutando aquelas coisa tudo de novo, aí eu falei:”Quésabê de uma coisa?, num sô moça mais, tem nada perdê, eu vô lá, vô incará”. Aí eu voltei, no outro dia mesmo eu voltei, aí eu consegui, aí eu já consegui a continuáfazê programa, e fiz durante muitos anos, eu fiz programa mais ou menos 12 anos seguidos sempre in casas, né?, umas que a gente fazia ponto, fazer ponto é você ficá esperando né, aí o freguês chega e tal, e outros lugares de incontro, já vai com incontro marcado né?, mais isso era difícil, geralmente era mais nas casas de programa mesmo. [...]Tinha que fica com todos os home que te procurasse, se quisesse ganhádinheiro. [...]A vida num é fácil, é o dinheiro que vem fácil. Se fôpensá sim, num, num, diarista que trabalha o dia todo pra ganhá o que uma mulhê ganha em 10, 15, 20 minutos, então é um dinheiro que vem fácil, mais num é muito fácil. A gente até acostumaganhá aquele dinheiro rápido né?, mais num é muito fácil, porque a gente suporta muita coisa, que a gente num tivesse naquela vida, num precisava passápur aquilo, né?, intão num é bem uma vida fácil, é um dinheiro fácil.⁴

Nos depoimentos de Nilma, algumas características que ficam marcadas são os fragmentos de uma memória selecionada por ela para contar e dar significado à sua história. Fica-nos explícita que esta mulher é marcada por fatores que ainda hoje abalam os seus sentimentos, envolvendo suas lembranças e conseqüentemente revivendo o passado suscitam a *memória trauma*. A pobreza ainda permeia a sua história. Ela é uma mulher de lutas contra a exclusão social promovida pela falta de oportunidade de trabalho, mas vítima de uma exclusão social que vai além, por estar no imaginário

⁴ Idem.

social, por personificar a representação daquilo que um dia foi e que está presente no seu cotidiano uma marca que não da lembrança pelo fato de estabelecer-se em construções sociais coletivas.

SILÊNCIOS DE CRISTINA: uma história marcada pela violência, esquecimento e prostituição

A entrevista com Cristina aconteceu no dia 21 de julho de 2009. Como nas demais entrevistas, conseguimos conversar com ela por meio de uma amiga comum. Uma jovem de 26 anos, mãe de duas crianças e funcionária pública municipal da saúde. A entrevista aconteceu na casa de Cristina. Um lugar agradável, uma casa bem mobiliada, com aparelhos como televisão, som e computador de última geração. Percebe-se que os valores de consumo e as afirmações do capitalismo baseadas no ter contradizem a faixa salarial de sua atual profissão.

Nos primeiros contatos que fizemos com Cristina pensamos ser uma das entrevistas mais fáceis que realizaríamos durante esta pesquisa pelo fato de que ela é jovem e descontraída. Em nenhum momento hesitou em falar de sua vida e de suas experiências deixando-nos muito a vontade durante as nossas conversas. No dia marcado para a gravação da entrevista chegamos à sua casa por volta das seis horas da tarde. Tivemos uma breve conversa e iniciamos a gravação. A entrevista que julgávamos ser a mais tranquila, tornou-se tensa. Ao registrar a sua história, Cristina, por muitas vezes, não conseguiu falar. A voz embargada e as lágrimas que não caíram impediram que ela continuasse com certa fluidez.

A história de Cristina é traumática. Segundo Ferreira (2006): “Os eventos traumáticos da história recente oferecem uma oportunidade ímpar de se repensar o passado, pois representam embates pela memória e oferecem ao historiador do tempo presente a oportunidade de pensar como os relatos orais estão sendo utilizados” (p. 196).

Nessa perspectiva, os relatos de Cristina foram marcados por violência, abandono e, conseqüentemente, a prostituição. Isso. O abuso sexual que sofrera durante a infância e pré-adolescência por parte do padrasto, com o consentimento silenciado pela mãe levou Cristina, aos 11 anos, deixar a sua casa e buscar o mundo. A violência física cometida contra ela pelo padrasto e a violência psicológica promovida pela mãe

ao calar-se diante dos sucessivos abusos sexuais cometidos pelo então companheiro demonstra, de um lado, o domínio que ele exerce sobre a mulher, a companheira;⁵ de outro, a violência que, segundo Leralúcia Pinheiro:

[...] mesmo que voltadas para a compreensão da violência política, podem contribuir com nosso desafio de entender a submissão destas jovens à exploração e à discriminação do mundo da prostituição, pois, para elas, a violência já havia sido interiorizada durante o processo de socialização por meio de diferentes formas de violência. [...] a violência instrumental por natureza, é racional até o ponto de ser eficaz em alcançar a finalidade que deve justificá-la. Nesta perspectiva, a violência só pode manter-se racional se buscar objetivos a curto prazo. A longo prazo, estes objetivos podem se perder, tornando-se imprevisíveis. Por isso não é possível termos certeza das conseqüências quando agimos com violência. (2008, p. 138).

Nessa perspectiva, a violência que Cristina sofreu durante a sua infância, segundo ela, impulsionou-a para a prostituição, conforme ratifica neste depoimento:

A causa foi por causa queu não tive apoio da minha mãe, minha mãe tinha arrumado um home, um home... num pudiaficá dento da minha casa com a minha mãe, o home pegava, rancava a minha ropa quando eu tavadurmindando, dava alguma coisa pra mim tomá, sem eu sabê. Rancava a minha ropa e deixava eu nua. Já eu ia ficá nua, ficava fora de casa. Saí da minha casa só. Daí eu fazia os programa nas rua, eu nunca frequentei uma casa. Eu fazia, recebia meu dinheiro e saía. Morava na rua e fazia meus programas lá em Goiás, aqui em Itaberaí, Inhumas, Goiânia, Tapira, Jussara. Nesse tempo eu tinha 11 anos, era muito ruim (nesse momento a entrevistada calou-se, ficou com o olhar fixo no infinito e os olhos encheram-se de lágrimas, durante algum tempo ela não falou nada).⁶

A relação de Cristina com a sua família não é amigável. Ela vive a sua vida sem manter contato com a mãe, que segundo a depoente foi a pessoa principal que a conduziu para essa vida que em depoimento considera como ruim. Além de se prostituir, Cristina também teve para sobreviver, que vender drogas. Também era usuária. A prostituição e as drogas são presenças que marcaram a sua vida. A ausência

⁵Ver BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina / Pierre Bourdieu; tradução Maria Helena. Kuhner. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

⁶ Entrevista com Cristina X. S. realizada em 21/07/2009.

de contato com a família possibilitou-lhe a omissão dos acontecimentos, uma vez que até então a sua mãe não sabe de sua história. A necessidade de esconder os fatos e de silenciar as lembranças faz parte de uma história marcada pelos traumas, pela vergonha, uma vez que a entrevistada afirma, por várias vezes, que ninguém ficava sabendo: fazia tudo escondido, os programas eram agendados e a necessidade maior de esconder da sua família: “A minha família nunca ficô sabendo, eu fazia tudo escondido. Minha mãe perguntava onde queutava, falava: Tô na cidade, nunca ficô sabendo, já tinha as pessoa certa, o cara certo pra saí.”⁷

Segundo Cristina, os únicos motivos que a levaram à prostituição e às drogas foram a violência e o abandono, mas que deixou de fazer programa por ter engravidado aos 15 anos. Ao cogitar com Cristina a possibilidade de voltar a fazer programas, ela foi categórica ao dizer que não voltaria em razão de seus filhos que a impedem, e por afirmar que “*essa vida é muito ruim*”. Os seus filhos são de relacionamentos diferentes, sendo o mais novo, fruto de um relacionamento com um homem mais velho e casado.

Nos discursos de Cristina, percebe-se a presença de uma história imbricada a contradições, sobretudo nas narrativas do presente, naquilo que pode e não pode ser dito. Uma história das falas e dos desejos que são projetados na perspectiva do presente. Um desejo de se desfazer do passado, reforçando a necessidade de criar os seus filhos e dar-lhes o apoio que ela não teve da família, com o desejo de que a sua história não volte a se repetir. Uma projeção dos usos e abusos do passado que se rememorizam no presente. O que mais marcou nesta experiência foi o silêncio que em todos os momentos falou mais do que a voz embargada de Cristina devido às lembranças do passado como profissional do sexo. São representações simbólicas que reformulam os conceitos e os preconceitos em torno da prostituição.

Sendo assim, pensar e discutir este tema suscitou-nos maiores inquietudes do que as que apresentávamos no início deste estudo. As abordagens dentro desta temática podem ampliar-se em outras oportunidades de pesquisa interligando a relação mulher e violência da qual permeia as relações que marginalizam os sujeitos de trajetórias semelhantes a estas aqui foram discutidas. Acreditamos em Jenkins (2001) quando ele afirma que: “[...] a história foi e será produzida em muitos lugares e por

⁷ Idem.

muitas razões diferentes” (p. 43), sem que se esgotem as possibilidades de repensar-la e reconstruir-la, principalmente, quando se tratar daqueles que estiveram às sombras dela por tempos que remeteriam a intenção de prevalecê-la como não os ditos da história.

CONCLUSÃO

Pensar a prostituição como um objeto de análise histórica é dar condições de enfrentamento a questões sociais que seria melhor a permanência do silêncio. Mas, porque suscitamos tal afirmativa? Pelo simples fato de que os tabus sobre o sexo repousam em fronteiras pouco permeáveis quando tratamos deste tema relacionado à mulher, especialmente, aquelas tidas como profissionais do sexo.

A noite, o escuro, o beco, o obscuro revelam um cotidiano paralelo, ou melhor, aquilo que o mantido nesta posição como forma de preservar valores que nem sempre deveriam ser mantidos às custas da demarcação da diferença, do eu e do outro. Pudemos perceber que a realidade social muitas vezes contribui para a existência de histórias e trajetórias alheias a vontade dos indivíduos ou até mesmo a frustração dos planos individuais de cada um deles. Entre o real e o imaginário os descaminhos e as descontinuidades daquilo que almejamos conduzem-nos a vivências e experiências que descortinam “mundos” silenciados ou marginalizados sob a sentença de que assim devem permanecer.

Na tentativa de dar voz a estas mulheres por meio da temática prostituição é considerar que ciência História possui uma importância vital quando tratamos de compreender questões relacionadas à cultura e a sociedade, neste caso relacionado aos tidos *Excluídos da História*, a fim de, primordialmente, colocá-las em debate.

Segundo Jenkins (2007), mudar o olhar, deslocar a perspectiva não valer-se de uma única interpretação devem ser práticas constantes do historiador, pois assim “a busca pela “verdade” transcenderá posições ideológicas” (p.35), calcadas num discurso de poder para o qual o certo e o errado, o correto ou o incorreto, a moral e devassidão são construções mutáveis e pouco tangíveis na maioria das vezes. Entre tais dicotomias encontramos um mundo social, particularmente neste caso para as mulheres, sustentado no discurso da oposição, porque dele determina-se o poder que é mediado por meio da diferença.

FONTES

- Cristina X. da S. – Entrevista realizada no dia 21 de julho de 2009.
Maria Terezinha do Carmo – Entrevista realizada no dia 09 de dezembro de 2008.
Nilma V. de Q. – Entrevista realizada nos dias 12 e 22 de junho de 2009.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **Lucíola**. Editora Formar Ltda, São Paulo.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina** / Pierre Bourdieu; tradução Maria Helena. Kuhner. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CORALINA, Cora. **Mulher da vida**, disponível em:
<http://www.zezepina.utopia.com.br/poesia013.html>, acesso em 13/10/2009.
- CHARTIER, Roger. **A “nova” historia cultural existe?**. In: *História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representação* / organizadores AntonioHerculando Lopes, Mônica Pimenta Velloso e Sandra JatahyPesavento. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.
- DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**/Mary Del Priore (org); 2. ed. – São Paulo: Contexto, 1997.
- ENGEL, Magali. **História e Sexualidade**. In: *Domínios da História: ensaio de teoria e metodologia*/Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). Rio de Janeiro: Elsevier, 1997 – 24ª Reimpressão.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Edições Loyola, São Paulo, 1996.
- HOBSBAWM, Eric J., **Era dos extremos: o breve século XX: 1914 – 1991** / Eric Robsbawm; tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JENKINS, Keith. **A História Repensada**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Contexto, 2001.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **Ciência, história e memória: Questões metodológicas**. In: *História e sensibilidade* / Marina HalzenrederErtzog, Temis Gomes Parnete et alii – Brasília: Paralelo 15, 2006.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- _____ **Em Busca de uma Outra História: Imaginando o imaginário**. In: *Revista Brasileira de História. Órgão da Associação Nacional de História*. São Paulo ANPUH/Contexto, vol. 15, nº 29, 1995.
- PINHEIRO, Veralúcia. **Socialização, violência e prostituição** / Veralúcia Pinheiro 1ª edição – Rio de Janeiro – Corifeu – 2008.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.
- RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890 -1930** / Luzia Margareth. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Tradução de Magda Lopes, Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.
- SILVA, Rogério Araújo da. **Prostituição: artes e manhas do ofício**/Rogério Araújo da Silva. Goiânia: CãnoneEditorial, Ed. UCG, 2006.
- SOIHET, Raquel. **Mulheres pobres e violência no Brasil Urbano**. In: *História as Mulheres no Brasil* / Mary Del Priore (org.): Carla Bassanezi (Coord. De textos). – 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 1997.

SWAIN, Tânia Navarro. **A invenção do corpo feminino ou “a hora e a vez do nomandismoidentitário?”** In: *Feminismos: Teorias e Perspectivas* Revista do Programa de Pós-Graduação em História Vol. 8, Nº 1/2, 2000.

_____. **Você disse imaginário?** In: *História no plural* / Sônia Lacerda et al. organizado por Tânia Navarro Swain. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

_____, **Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica.** Disponível em http://www.oblatas.org.br/artigos_detalhes.asp, acesso em 20/12/2007.

VANGELISTA, Chiara. **Da fala à história:** Notas em torno da legitimidade da fonte oral. In: *História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representação* / organizadores AntonioHerculando Lopes, Mônica Pimenta Velloso e Sandra JatahyPesavento. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.